

A República da Fé

O que se tem passado entre a Inglaterra e a Irlanda, desde os séculos recuados, é uma luta entre o catolicismo e o protestantismo; é a guerra de duas fés em que há a constância dos católicos, sempre vencidos, mas decididos a lutar até ao fim. Uma luz de crença ilumina esses descendentes dos gaulezes, celtas, a raça admirável, que trabalha a terra bendita da Irlanda desde o século XII e desde pouco depois se tornou escrava dos britânicos.

Emquanto foram sós no seu torrão verde, os senhores irlandezes bateram-se uns com os outros; enfraqueceram-se e ficaram servindo os que disseram manter a ordem. O que um velho romano disse da Lusitania, pôde aplicar-se, maravilhosamente também, à Irlanda. O romano dizia: «Há na Hispânia um povo que não se governa nem se deixa governar». Quando estava só, batia-se entre si; quando chegava o invasor, revoltava-se. O celta é assim inconsequente e generoso, nobre e audaz. O britânico é calculador, reservado, prático. Os românticos irlandezes diziam nos seus legendários gritos de guerra, inscreviam nos seus balsões: *Amo o meu Deus, o meu rei, o meu país*. Em volta destes afectos viviam e, quando os obrigaram a trabalhar para os vencedores, não esqueceram Deus — antes, há tantos séculos, confiadamente nele esperam; não esqueceram o seu país, tendo apenas perdido a memória dos seus reis, cuja raça se extinguiu.

Todas as torturas se infligiram à sua ardente fé, tão pura e tão estranha, que dá ao mundo o exemplo do maior heroísmo da história: a morte do lord de Cork, símbolo sagrado duma crença. Quando os ingleses se instalaram na Ir-



Sir Nevil Macready, general em chefe do exército inglês na Irlanda e que foi um bravo no Egito e na África do Sul

landa conquistada, alguns casaram com as vencidas, mas logo os reis de Inglaterra proibiram esses enlaces. Os cadafalsos tingiram-se de sangue, mas o amor venceu. O conde Desmond não se importou com a lei e desposou uma irlandeza. Morreu entregue à visão da noiva que deixava; acabava condenado pela lei de Henrique III. O protestante rígido rangia os dentes ferozes. Isabel mandou fechar os mosteiros e queimar os conventos; impoz a sua religião e, impelindo, pelos vexames, os vencidos a uma revolta, largamente os torturava. Por toda a Inglaterra só soou um grito: «A morte os católicos!»

Os exércitos passavam calcando rudemente a terra onde esse povo de fé intensa morria cantando. Os sapos duros dos britânicos tinham a acompanhá-los os rios botins dos presbiterianos escoceses, perversos, aniciosos de mando e Cromwell, com o seu fanatismo, talava as vilas, impunha pesados tributos e, se acaso a resis-

tência era grande, também prometia perdões generosos. Assim praticou em Drogheda que não se queria render. Ofereceu tudo; jurou que deixaria em paz os que se entre-

gassem, e quando, confiadamente, eles decidiram acabar a luta, ordenou aos seus soldados que matassem todos os revoltosos, agora abatidos num espanto. Passaram-nos a fio de espada; durante cinco dias se fez a matança; mesmo dentro das igrejas se fazia o morticínio. Os cadáveres ficaram abandonados á intempérie, uma peste devastou a Irlanda; a lavouira não se fez; a fome chegou avassaladora. Deus parecia ter abandonado os seus filhos que, de joelhos, continuavam a adorá-lo. Cromwell



Um tumulto em Belfast — Os *sinn-fainers* no ataque à pedrada

trionfava. Nas almas católicas, apesar de tudo, a fé vivia poderosamente. O triunfador não se saciava. Depois das degolações em massa, surgiu o aspecto legal. Instalaram-se os tribunais e ergueram-se os patibulos. Os que não



O povo entrando na igreja para rezar pela alma de lord mayor de Cork

agradavam eram assassinados com esse enorme aparato que as justiças inglesas usam. Outros eram desterrados; roubavam-se raparigas às famílias e mandavam-nas vender como escravas em Jamaica.

Depois decretaram-se as leis penais. O horror redobrou. O católico não podia praticar a sua religião; todo o que comungasse e ouvisse missa tinha a morte por cas-

tigo. Uns continuavam tacendo as suas orações a ocultas; outros deixavam que os matassem, mas Cromwell, cada vez mais fanatizado, mandava fechar os que tentavam, numa terra considerada maldita, ao ver que não os podia chacinar a todos. Era o decado de Connaught, o condenado desterro dos seus inimigos.

A Irlanda gemia e orava. Quando a America luta pela independencia, os irlandeses lá estão batendo-se. Faz-se a emigração mas, como todos os celtas, é a patria que atrai os que fazem fortuna. A luta torna-se fe-roz; derrama-se muito sangue e a cada abalo do mundo a Irlanda enche-se de esperança e revolta-se.



A policia em Londres contendo uma manifestação a favor da Irlanda

Assim fez quando do movimento americano; do mesmo modo na hora da revolução francesa, depois com Napoleão, e sempre a cada perturbação da Inglaterra ela ergue-se, pretende libertar-se, mas não o consegue nunca. Mais uma vez essa terra da fé mais intensa do mundo moderno se ergueu. A Inglaterra já vai transigindo, já lhe vai concedendo o que outrora achava um exagero e é a vez da Irlanda exigir aquilo porque desde os séculos passados se bate a emancipação.

Amo o meu Deus, o meu rei, o meu país!

Deus, diante duma tão grande fé ouvir-os-há; o país será libertado; enfim, e agora, se houver a impossibilidade duma república ao lado da Inglaterra monárquica, eles declarar-se-hão por um rei, decerto como eles crente em Deus e capaz de amar ardentemente aquele lindo país de provação e de tortura para o qual parece reinar uma boa aurora.

Mas de que tormentos, de dôres, de desventuras ela será feita?! Os seus laivos rosados será o sangue dos séculos vertido, os seus raios louros de luz serão como o ouro entregue aos senhores, os seus sorrisos doces dum amanhecer serão como a resignação ao cabo de tantas lutas. Oxalá também que se a vitória coroar essa aurora não suceda o mesmo que o romano atribuía aos celtas: Não se governam nem se deixam governar. Os exemplos do passado não servem a estes povos ardentes.



Os irlandezes que mudam de residência diante dos incendios ateados durante as lutas